

“Se eu gosto de uma coisa, eu tenho que realmente provar que gosto”: Estilos de vida de jovens roqueiros cearenses

Itamerson Macell de Oliveira Costa da Silva¹

Resumo: O trabalho busca problematizar as construções dos estilos de vida de jovens roqueiros cearenses localizados nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte. Sendo assim, nesta investigação trabalhei com jovens na faixa etária entre 15 a 32 anos. Metodologicamente, utilizei a observação participante bem como a execução de entrevistas com tais indivíduos. O ponto central da análise é refletir sobre os estilos de vida roqueiros bem como as apropriações e pluralizações do espaço urbano a partir da ótica dos atores juvenis. Tendo isso em vista, as relações sociais tecidas entre os mesmos por meio de suas agregações, permite percebê-los enquanto sujeitos sociais que constroem leituras singulares da cidade, possibilitando pensar em suas construções sociais que são elaboradas dialeticamente através de suas relações afetivas, ideológicas e de conflito.

Palavras-chave: Rock. Cariri. Juventude. Cidade.

"If I like a thing, I really have to provide what I like": Life Styles of cearenses young rockers

Abstract: This work tries to problematize the constructions of the lifestyles of young rockers of Ceará, located in the cities of Crato and Juazeiro do Norte. Therefore, in this research I worked with young people between the ages of 15 and 32 years. Methodologically, I used participant observation as well as performing interviews with such individuals. The central point of the analysis is to reflect on the rocker lifestyles as well as the appropriations and pluralizations of the urban space from the perspective of the juvenile actors. With this in view, the social relations woven between them by means of their aggregations allows them to perceive them as social subjects that construct singular readings of the city, making it possible to think of their social constructions that are elaborated dialectically through their affective, ideological and of conflict.

Keywords: Rock. Cariri. Youth. City.

Introdução

O objetivo desse trabalho é compreender os estilos de vida construídos socialmente pelos jovens roqueiros a partir de suas práticas e discursos e como esse conjunto estabelece

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). itamerson@hotmail.com.br

uma rede de interações sociais em Crato e Juazeiro do Norte². Nesse sentido, as duas cidades, apesar de ser administrativamente diferentes, são apropriadas nessa pesquisa como um circuito de sociabilidades amplas da forma como descreve Magnani (2002).

Circuito trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais. A noção de circuito também designa um uso do espaço e de equipamento urbanos, possibilitando o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação e manejo de códigos. Porém de forma mais independente com relação ao espaço, sem se ater a contiguidade, como ocorre na *mancha* ou no *pedaço*. (MAGNANI, *opcit.*, p.10).

Um aspecto fundamental da análise transcorre em compreender como a construção dinâmica dos estilos de vida roqueiros constituem identificações juvenis e sentimentos de pertença mediados pelo afeto. Nesse âmbito, também serão analisados como os discursos dos atores sociais, pautados principalmente por seus códigos de conduta, refletem em suas práticas cotidianas e visões de mundo. Dessa forma, corroboro com a ideia de Dayrell³ (2003) de compreender os jovens por eles mesmos, na sua própria maneira de viver.

Em seguida, cotejo os conteúdos simbólicos presentes na caracterização de roqueiros nos meios juvenis analisados. Nesse sentido, é oportuno analisar as formas como esse estilo de vida se apresenta, por meio da divisão de roqueiros em grupos com características distintas, nos quais destaco *alternativos*, *undergrounds*.

Penso a metodologia não como uma forma do pesquisador apreender a realidade do universo estudado, sendo que a mesma é uma construção social, mas sim como uma ferramenta que o guia para a obtenção das questões por ele formuladas. Tendo isso em vista, essa pesquisa é de caráter qualitativo marcado pelo desenvolvimento de técnicas para a coleta para a produção e análise dos dados. Esse tipo de pesquisa, dependendo do modelo adotado,

²São cidades que estão localizadas no sul do Ceará próximo a outros 28 municípios, dentre os quais se destacam além do Crato as cidades de Juazeiro do Norte e Barbalha. Sendo que essas três últimas formam a Região Metropolitana do Cariri Cearense que surgiu a partir da conurbação entre os municípios de Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha. Outras cidades limítrofes são agregadas também a Região metropolitana caririense, como Farias Brito, Missão Velha, Caririaçu, Jardim. Destaca-se também a divisa entre a Região Sul do Ceará e os Estados de Pernambuco, Piauí e Paraíba. A Região Metropolitana do Cariri Cearense contém aproximadamente 590.209 habitantes e possui um PIB 4.404.610 mil de acordo com o IBGE 2011.

³Na vida cotidiana dos jovens, entram um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentidos, que dizem quem ele é quem é o mundo, quem são os outros. É o nível do grupo social, no qual os indivíduos se identificam pelas formas próprias de vivenciar e interpretar as relações e contradições, entre si e com a sociedade, o que produz uma cultura própria. (DAYRELL, 2003, p.43).

exige uma imersão em campo por parte do pesquisador e, ao mesmo tempo uma capacidade de abstração de pensar o que está além do não dito e não revelado.

Tendo isso em vista, estabeleci a etnografia por meio da observação participação como uma das técnicas principais para a produção de dados e reflexão sobre os mesmos mediados pela escrita do trabalho. O trabalho etnográfico auxilia justamente como um meio de observar e perceber os espaços, relações e os sujeitos em suas relações cotidianas. Além de permitir uma inserção minha no grupo investigado

Destaco o termo “alternativos” em relação à música *mainstream*, ou seja, aos gêneros musicais de forte influência no Ceará, que são, o Forró Eletrônico e o Sertanejo. Por outro lado, classifico “roqueiros undergrounds” aqueles que se aprofundam a apreciar um tipo de rock mais especializado e com menos visibilidade na música popular.

É no âmbito desses grupos roqueiros, que são chamados por Michel Maffesoli (1987) de tribos urbanas e por Lima Filho (2010) de agrupamentos, que surgem formas de classificação, condutas específicas e conflitos. Os sujeitos expressam uma preocupação de que os eventos e espaços voltados ao público rock sejam frequentados pelos roqueiros. Nesse sentido, são criados mecanismos de distinção em relação aos “roqueiros verdadeiros” e seus opostos que são justamente os forrozeiros e modistas. Sendo que os últimos não expressariam o estilo de vida roqueiro bem como suas condutas e práticas, promovendo a exclusão dos mesmos. Faço essa discussão na pauta seguinte do trabalho⁴

Dessa forma, percebe-se que a circulação do rock produzida pelas políticas de subjetividades juvenis nas cidades de Crato e Juazeiro do Norte não é feita de forma homogênea, mas dividida em torno de grupos roqueiros que os jovens se afiliam de forma que é possível sua entrada através de determinados quesitos delimitados, como estilo musical preferido, indumentária, condutas, espaços frequentados, etc.

Em um olhar do senso comum pode-se perceber os indivíduos roqueiros como sujeitos baderneiros, maconheiros e violentos. Porém, ao analisar as singularidades da juventude do cariri cearense de forma sociológica, é possível perceber as nuances e sistemas de organização que são fundamentados em uma complexa sistematização na qual está diretamente articulada com a origem da música rock no século XX, mais especificamente nos anos 1950.

⁴ Entrevistei doze indivíduos roqueiros. Entre eles fãs de bandas de rock e membros de bandas de rock da cidade de Crato e de Juazeiro do Norte. Escolhi seis homens e seis mulheres. Sujeitos esses que considerei como relevantes dos agrupamentos do rock local.

Convido o leitor a descobrir e compreender mais sobre o universo social simbólico dos roqueiros cearenses. Para isso, ao longo do texto procuro suscitar tais indivíduos a partir da ênfase nos seus *modos de ser* jovens. Nesse sentido, considero que a juventude é uma categoria socialmente produzida. Com isso, as representações sobre a mesma e a posição dos jovens na sociedade ganham contextos históricos, culturais e sociais particulares.

“Roqueiros verdadeiros” e “playboys”: Conflitos, modos de exclusão e segmentação

Para definir a categoria estilo de vida, corroboro com a perspectiva de Anthony Giddens (2002). Ele demonstra o que se pode compreender por estilo de vida e, ao mesmo tempo, conecta esse conceito e ajuda a pensar na forma de atuação entre o estilo de vida dos indivíduos e sua identificação. Nas palavras do autor:

Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrados de práticas que o indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de autoidentidade. (GIDDENS, 2002, p.80).

Sendo assim, os roqueiros do cariri cearense precisam manter determinadas práticas que os aproximem do modelo construído em seu imaginário, corroborando com seu modo de vida em busca de uma autoidentidade. Essa definição de estilo de vida também se aproxima da perspectiva de Bourdieu (1983) que tratarei ao longo do texto.

Dessa maneira, aqueles indivíduos que frequentam shows e eventos e não se encaixam no tipo ideal que os roqueiros constroem, são vistos de forma pejorativa e classificados como “playboys” e “roqueiros modinhas”.

Eu vejo assim, o problema da juventude hoje é que vejo que os jovens não conseguem se encontrar. **Diferente de mim que me encontrei na música.** Hoje vejo muitos pivetes que vão nos shows de rock vestidos de preto, usando tatuagens, cabelo grande, piercings. Mas eles usam isso só por moda, tá ligado? Na pós modernidade, a teoria tenta destruir a realidade. Quando teóricos propõe críticas e não soluções, acho bem complicado. Aí vejo assim, tem jovens que vão pra forró e vão também pra festas de rock. Mas vejo que eles precisam se encontrar. Essa influência das teorias que o jovem tem que ser aberto pra várias áreas impedem deles se encontrarem. **E se eu gosto de uma coisa, eu tenho realmente que provar que gosto.** Isso inclui muito mais que ir a shows e vestir preto, mas sentir o rock. Eu não escuto rock, eu sinto rock. (R.B, 30 anos).

No comentário do sujeito acima, está bem clara a ideia de divisão eu/ele/nós/eles. O entrevistado com isso cria uma distinção social daquilo que ele constrói subjetivamente como “correto” e aquilo que deve ser “evitado” em se tratando do estilo de vida roqueiro. Por isso,

que nessa fala ele insiste claramente na oposição de práticas não vivenciadas em seu cotidiano, e que outros praticam. Além disso, o informante destaca a ideia do “roqueiro modinha”, ou seja, é o indivíduo que gosta de rock somente porque “faz sucesso” ou “está na mídia” não porque partilha do estilo de vida e seus valores. Nesse sentido, em oposição a esses indivíduos há os “roqueiros verdadeiros”:

Bicho, antes de ter essa galera jovem que tem outros sentidos e que não curte mesmo o rock e não conhece sua história, eu e meus amigos no fim da década de 1990 e começo de 2000, a gente se reunia na praça da sé e depois ia para um bar chamado Pink Floyd, que tinha no Juazeiro. Lá só ia realmente quem gostava de rock de verdade, da música boa mesmo, não ia os modinhas, patricinhas nem playboys... Lembro que ia uma galera que escutava metal e um pessoal que curtia hardcore... Era muito massa. O som rolando e altos papos e bebedeiras (E.P, 32 anos).

Uma das formas que faz um roqueiro como “verdadeiro” são suas práticas que comungam com o estilo de vida teatralizado em seu cotidiano. Uma vez que essa “autenticidade” se dá também pela música rock que consomem, principalmente aquela ligada ao *underground*, que é um dos meios de acesso encontrados pelos sujeitos que se aprofundam no rock de uma forma mais especializada. Esse é um mecanismo que os indivíduos roqueiros manipulam para se opor aos “modinhas” que na sua ótica conhecem apenas bandas do *mainstream*, ou seja, aquelas bandas populares que são reconhecidas e renomadas pelo grande público do rock em geral.

A imagem abaixo mostra uma das formas de oposição usadas pelos “roqueiros verdadeiros” com o intuito de combater grupos não roqueiros, ou que no ponto de vista deles, vivem o *ethos* superficialmente.

Imagem 01- Impressões de um jovem ‘roqueiro verdadeiro’



Fonte: Arquivo do autor.

Essa postagem publicada na página do *Facebook* de um jovem demonstra as subjetividades que são construídas a partir das sociabilidades juvenis em seus grupos de pertença. Por meio dessas interações, esses grupos sociais criam suas normas de vivência que se materializam em suas condutas. Nesse sentido, corroboro com Becker (2008) quando o autor disserta sobre as normas sociais construídas socialmente pelos indivíduos:

Regras sociais são criação de grupos sociais específicos. As sociedades modernas não constituem organizações simples em que todos concordam quanto ao que são as regras e como elas devem ser aplicadas em situações específicas. São, ao contrário, altamente diferenciadas ao longo de linhas de classe social, linhas étnicas, linhas ocupacionais e linhas culturais. Esses grupos não precisam partilhar as mesmas regras e, de fato, frequentemente não o fazem. Os problemas que eles enfrentam ao lidar com seu ambiente, a história e as tradições que carregam consigo, todos conduzem à evolução de diferentes conjuntos de regras. À medida que as regras de vários grupos se entrecrocaram e contradizem, haverá desacordo quanto ao tipo de comportamento apropriado em qualquer situação dada (BECKER, 2008, p.27).

Um dos conceitos que trabalho ao longo do texto e que merece um destaque é a sociabilidade. Porque a partir desse conceito o leitor pode compreender como são criadas as relações de pertencimento, vivência e exclusão no universo roqueiro. O conceito de sociabilidade, no ponto de vista das Ciências Sociais, se apresenta como uma das formas de relações sociais mais visíveis em grupos juvenis. Para compreender o sentido que a sociabilidade tem para os jovens, é preciso lembrar do estudo clássico de Simmel (2006) “Sociabilidade- um exemplo de sociologia pura ou formal”. Esboçarei um pouco desse conceito contextualizando com a obra do autor.

Primeiramente, é importante que o leitor saiba que a questão da interação social, é um conceito fundamental na obra simmeliana. A formação social é pensada pelo autor a partir das interações sociais dos indivíduos e do encontro com as particularidades do social no cotidiano dos sujeitos. Por assim dizer, a própria sociedade se constrói na interação, em que os diversos elementos atômicos da sociedade formam um conjunto interativo por meio dos quais os indivíduos se comunicam.

Além disso, o autor compreende a sociabilidade como um tipo de sociação. Mas, há uma singularidade que a destaca: se revela como independente dos conteúdos, apresentando-se por meio de uma relação de convivência com o outro e para o outro. Na sociação, os grupos sociais se articulam em torno de interesses e finalidades. Já na sociabilidade a finalidade é a própria relação, por meio dela se constrói formas de integração social. É oportuno salientar ao leitor que o estabelecimento de laços sociais é uma das relações mais encontradas nas culturas juvenis. E é justamente isso que acontece nas relações que os sujeitos

pesquisados tecem com seus grupos de pares. Como também a construção de visões de mundo, condutas e representações simbólicas que são construídas nos seus mundos vividos e imaginados.

É a partir das sociabilidades estabelecidas e aprofundadas pelos jovens roqueiros no interior de seus grupos de pertença que dão a eles condições de conhecimento do nível de apreciação que um indivíduo tem no rock e o situa como verdadeiro ou falso roqueiro. O convívio pessoal e virtual com seus pares de contato os mantém informados sobre a localização do indivíduo no grupo de vivência. Além disso, na internet, os jovens criam memes⁵ com um intuito pejorativo visando ataques a bandas ou pessoas que não compactuam com suas ideias. Este discurso se apresenta na fala abaixo:

Com o passar do tempo, fui conhecendo bandas diversas, e não sentia muita necessidade de ficar ouvindo os clássicos do rock. Porque é o seguinte: Metallica, Iron Maiden, Sepultura. Essas bandas todo mundo conhece. Principalmente os “modinhas”, mas conhecer Krisiun é só pra quem realmente gosta de rock e é um roqueiro que entende de música, que é leal, tá entendendo, mano? A mesma coisa eu aplico para o grunge. Gosto muito do Nirvana, mas os pivetes hoje em dia aqui no Crato ao ver vídeos da banda no *Youtube*, se impressionam com as quebraadeiras de instrumentos que Kurt Cobain fazia no palco, compram camisetas em qualquer loja ou na internet. Mas, quero ver se eles conhecem a banda *Mudhoney*, que originou o grunge e todo o movimento em Seattle. Isso eu vejo que é uma diferença grande que se dá entre a galera do rock, sabe mano? (B.S, 27 anos).

Uma das práticas sociais dos indivíduos do underground é a vigilância quanto a determinados tipos de postura dos integrantes das bandas e entre eles mesmos. Em meados da década de 1980 e 1990 havia um discurso no rock pautado em atitudes anticomerciais (FRIEDLANDER, 2012). Tal como um indivíduo roqueiro pode ser considerado um “playboy” ou “modinha”, no Crato, integrantes de bandas também podem ter seu trabalho comprometido entre os roqueiros *undergrounds* por iniciar apresentações em circuitos de apelos mais populares como programas de TV e festivais de grande porte.

Essa questão é tão forte no imaginário roqueiro que no livro intitulado *Heavier than heaven* (Mais pesado que o céu) do autor Charles Cross, o mesmo trata sobre este assunto. Ele narra a trajetória do vocalista da banda Nirvana, Kurt Cobain, e expõe que o músico sentia-se altamente incomodado pelo fato do Nirvana ter conquistado sucesso no *mainstream*. De acordo com o autor, Kurt Cobain queria passar o resto de sua vida apenas tocando sua

⁵Meme é um termo criado pelo escritor Richard Dawkins em seu livro *The selfish gene* de 1976, que significa uma composição de informações e ilustrações que se propagam rapidamente em meios comunicacionais. Com a propagação da internet, o meme pode ser considerado um conceito, ideia ou piadas que se disseminam de forma instantânea e global. Em meios online ele tem um caráter cômico ou pejorativo e, ao mesmo tempo, efêmero.

guitarra, em lugares pequenos como bares e galpões onde podia sentir o “calor” do público underground. (CROSS, 1992).

O fato de bandas que têm uma origem no underground, conseguir fama, se apresentar em programas populares da TV, principalmente na emissora Globo, fazer parcerias com cantores não roqueiros, pode ser malvista pelos próprios roqueiros, tanto em bandas locais como a nível global. Um dos interlocutores que aqui denomino de D.T de 23 anos, narra como começou a gostar da banda Metallica e foi uma das que mais apreciou, até os integrantes, principalmente o vocalista, praticar ações que não condizem com o estilo de vida roqueiro:

Bicho, pra você ter uma ideia praticamente de infância eu já ouvia Metallica, mas passei ao ouvir mais por causa de uns amigos meus que apresentaram os primeiros discos da banda. Depois, quando fui acompanhando a vida dos integrantes em revistas e pela internet percebi que o vocalista é muito hipócrita. A banda aceitou se apresentar com Lady Gaga, só por causa do apelo comercial, e pra eles botarem mais grana no bolso. Aí cara, deixei de vez de curtir Metallica. Além disso, o vocalista mata leões e ursos só por prazer. Isso pra mim é horrível... Uma banda que sempre se dizia metal, agora são uns vendidos, é triste... (D.T, 23 anos).

A última expressão do entrevistado “ser vendido” corresponde dizer que a banda se corrompeu e maculou o modo de vida roqueiro por se apresentar com outros artistas de vertentes do pop, como a cantora Lady Gaga. A relação de “risco” entre o sucesso e a visão dos fãs, também é perceptível entre os alternativos. Exponho isso na fala da jovem abaixo:

Nossa banda sempre faz um som para muitos, mas a gente tem muito cuidado em fazer boas músicas... A gente tem uma proposta que mistura rock, jazz, blues e alternativo. E também temos uma pegada poética em nossas composições. A gente sempre se preocupa com nosso público alternativo pra saber se realmente estão gostando do nosso som, pra não soar com uma coisa fora da nossa originalidade. Fazemos parte da música alternativa e temos uma necessidade de tocar para o público que também é exigente no sentido de consumir nossa música. Então, a gente faz de tudo pra num destoar a nossa originalidade enquanto músicos, sabe? Por isso que um material de qualidade nos faz ser bem vistos na música. (J.X, 22 anos).

A preocupação em torno de uma vigilância para se manter “autêntico” concernente a musicalidade que produz, determina certos tipos de controle de posições dentro dos grupos de vivência roqueiros. Uma transição entre “ser visto” por um público maior o que inclui a presença de holofotes midiáticos, muitas vezes não é uma preocupação da banda. Porém, uma parcela do público vê tais práticas como perda de originalidade.

Entre as bandas locais underground principalmente aquelas que tocam punk, heavy metal e thrash metal, registramos discursos contra casas de shows que são frequentadas por “playboys” e a insatisfação presente por não aceitarem as bandas que executam um som mais “pesado”. Dessa forma, se desenvolve rivalidades contra os indivíduos que frequentam essas

casas de shows bem como os responsáveis por contratar bandas, que na ótica dos informantes não transmitem o *modus operandi* roqueiro.

Bom, em relação a shows é uma coisa muito complicada, porque não envolve só banda, envolve espaço, que muitas vezes é o espaço público e o som. A gente tem que alugar de alguma maneira o som de um estúdio ou de uma empresa. Enfim... Por essa razão fica mais caro de se promover um evento, e reflete no preço do ingresso e tudo mais... Aí vejo que ainda faltam espaços que agreguem essa música não comercial. Posso citar exemplo de alguns espaços aqui do Crato. Tem espaços que abrem oportunidades para bandas de rock, mas esses espaços têm vertentes em fazer cover e bandas modinhas. Então, o underground essencialmente não faz cover e sim produz seu próprio material. E isso dificulta. E acho que faltam lugares para shows dedicado a bandas que toquem seu próprio material com espaço de divulgação. Sinto falta de um lugar que seja a casa da música underground aqui no Crato. Tem um ou outro que toca banda x ou y, mas não é constante, infelizmente. (D.T, 25 anos).

A insatisfação do entrevistado se dá principalmente pela carência de espaços “roqueiros” que, ao mesmo tempo, ele denuncia a falta dos mesmos. Mas também, seu discurso é direcionado para bares e casas de shows do Crato e de outras localidades que incluem em sua programação bandas “modinhas”, que necessariamente na visão dele não operam a lógica do rock “verdadeiro”. Há também uma autoafirmação do informante ao afirmar que o *underground* é autêntico e não faz cover, diferente do que é veiculado nesses espaços de apresentações de bares mais populares. Esses são os principais embates entre os roqueiros metaleiros e aqueles denominados pelos entrevistados como *playboys* ou modistas, que podem ser tanto indivíduos do rock alternativo como forrozeiros.

Um das questões que se destacaram no trabalho de campo foram as apropriações do espaço urbano, referentes a casas de shows em que geralmente são frequentadas por jovens de classe média, e foram certa vez ocupadas por roqueiros periféricos. Um desses casos ocorreu em 2017 quando se reuniram no Casarão Boteco, estabelecimento localizado no bairro Pimenta no Crato, duas bandas de rock underground. Não citarei o nome das bandas com a finalidade de “proteger” a imagem dos grupos.

O show começou enérgico, com muitos sujeitos de preto fazendo rodas de pogo⁶, mesmo em um lugar apertado. Na plateia, observei algumas moças que ficavam na parte detrás da pista de shows acompanhadas de seus namorados. Os mesmos ficavam às vezes batendo cabeça e bebendo cervejas *Heineken*.

Era cerca de 2h da manhã quando alguns jovens entraram no banheiro masculino e quebraram os espelhos, outros encheram o vaso sanitário do banheiro feminino de papel higiênico. Houve relatos, não confirmados, de pichações e defecações no chão e outros tipos

⁶Trata-se de uma dança em que os indivíduos fazem movimentos circulares nos shows, como rodas indígenas e se chocam provocando uma série de empurrões (BITTENCOURT, 2015).

de estragos nos banheiros. Tais fatos causaram irritação ao dono do estabelecimento. O mesmo reformou os banheiros com os recursos financeiros apurados em algumas festas e não mais chamou bandas underground para se apresentarem ali. Ele afirmou que temia ocorrer brigas e confusões durante os shows por causa das rodas de pogo.

A partir desse relato, reflito que tais práticas dos jovens roqueiros undergrounds revelam suas expressividades e singularidades em ocupar um *pedaço*⁷ que não pertence a eles. As formas de ocupação desses jovens no estabelecimento bem como as práticas que ocorreram nos banheiros, podem ser vistas no senso comum como atos de vandalismo e rebeldia exercidos por uma juventude “indomável”. Porém, longe de visões hegemônicas e totalizantes, esses atos “rebeldes” demonstram que os jovens roqueiros underground se apropriaram de um espaço com intuito de revelarem que o mesmo é “indigno”, na ótica deles, de ser reconhecido e referenciado como um ponto veiculado ao “rock verdadeiro”. Prova disso, foram os constantes gritos da plateia em alguns momentos dos shows com os dizeres “*Vaza playboy*”.

Sendo assim, da forma como reflete Lima Filho (2013) vejo que a estratificação pela renda é um dos motivos pelos quais muitos conflitos se perpetuam entre os roqueiros do cariri cearense. Nesse sentido, os “roqueiros verdadeiros” evitam “espaços de playboys” e criam seus próprios pedaços de atuação. E com o passar do tempo, tais lugares podem ser ressignificados pela atuação dos atores sociais.

Mas o caso do Casarão é interessante porque expõe as ressignificações que são demarcadas com elementos contextuais. Com o encerramento das atividades da casa de shows *Estação da sé* localizada na Rua Dr. Miguel Lima Verde no Crato, o Casarão não foi mais veiculado como um lugar de *playboy*, principalmente pela diversidade de eventos que ocorreram nos últimos meses de 2017, com intuito de agregar vários grupos de vivência roqueiros. Mesmo assim, a frequência dos roqueiros undergrounds nesse espaço ainda é mínima, principalmente com as altas dos preços dos ingressos, valores entre 20 a 30 reais, e elevados preços das bebidas, fazendo com que prefiram transitar em seus espaços específicos.

As significações dos eventos para os roqueiros

⁷ Na perspectiva de Magnani o termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade. (MAGNANI, 2002, p. 21).

É justamente durante os eventos onde os membros dos grupos de vivência roqueiros interagem e criam suas redes de relações de sociabilidades. Dessa forma, por meio dessas interconexões que os estilos de vida dos roqueiros bem como seus valores são exercitados. O estilo de vida é visto por Bourdieu (2007) como um sistema de preferências em que os elementos simbólicos atuam de forma distintiva. Nas palavras do autor, a concepção de estilo de vida se dá como:

Um conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos, mobília, vestimentas, linguagem ou héxis corporal, a mesma intenção expressiva, princípio da unidade de estilo que se encontra diretamente à intuição e que a análise destrói ao recortá-lo em universos separados [...] cada dimensão do estilo de vida simboliza todas as outras (BOURDIEU, 1983, p.25).

Com isso, percebo que estilos de vida dos roqueiros que foram trabalhados nessa pauta, metaleiros e alternativos, abrange os sistemas de identificação e distinção cunhados por Bourdieu (1983). Os eventos possuem elementos de identificação com o público que atua nesses espaços, desse modo, o próprio local onde o mesmo ocorre pode fazer parte de uma representação subjetiva para os indivíduos. Por isso, quando há eventos em casa de shows, onde há um público juvenil de classe média que frequenta, muitos roqueiros *underground* veem esses locais como indignos para apresentações de shows de rock.

Um dos eventos que analisei foi o *Abril para a Juventude* no fim do ano de 2016, realizado com o apoio do poder público e da Secretaria de Cultura da cidade do Crato. Contou em sua programação com várias bandas do rock *underground* como *Importunos*, *Deadfits*, *Úlcera*, *Mary Jane*, *Lavô tá novo*. Nesse local, estabeleci contato com os primeiros atores da movimentação roqueira cratense e juazeirense. As conversas informais não gravadas se mostraram como estratégias relevantes para acesso a elementos específicos dos indivíduos. A partir das dicas que os jovens forneciam e da busca de eventos nas redes sociais, alguns pontos foram mapeados. Frequentei tanto eventos realizados em bairros periféricos como *Kaverada*, quem sua primeira edição foi realizado no bairro Santa Luzia, e duas outras no bairro Seminário. Como também a casa de shows intitulada *O Casarão Boteco*, localizada no bairro Pimenta, no centro do Crato. A *Porão rock*, que é uma loja especializada em artigos para o gênero realiza eventos também no estabelecimento *Raul rock bar*, na casa de shows *Iguatemi* e no bar denominado *O Cangaço*. A localização desses eventos fica em bairros periféricos de Juazeiro do Norte como o *Aeroporto* e também bairros afastados do centro da cidade como o *Triângulo*. Esses locais destacaram-se como sendo os principais espaços de circulação do *circuito* roqueiro *underground* bem como espaços de instituições como o SESC

e o CCBNB, onde ocorre o evento anual intitulado “Rock Cordel”. A maioria dos shows acontece nos fins de semana e há uma presença significativa do público juvenil.

Já para refletir sobre os circuitos do rock alternativo destacamos de shows como *Homers pub*, *Casarão Boteco*, *Seu gringo*, *Bar Resistência*. Vale ressaltar ao leitor que tais locais não se apresentam exclusivamente bandas alternativas, mas a maioria de artistas e públicos pertence a esse meio. Algumas dessas casas de shows se localizam nos centros das duas cidades. Outras em lugares mais afastados, que se tornam mais frequentados por indivíduos que possuam transporte para se deslocarem.

Nesses locais os jovens se reúnem e compartilham de laços de aproximação, gerando várias formas de sociabilidades. Sendo assim, os sujeitos se encontram para ouvir música, dançar, cantar, conversar, “ficar”, namorar, beber, tirar fotos. Os contatos estabelecidos entre os mesmos visam aprofundar ainda mais suas relações sociais e firmar laços. Esses locais exclusivos para apresentações de bandas acabam sendo o de maior procura nos fins de semana, embora nem todos os roqueiros sejam aptos a essa ideia.

Nos bares alternativos o preço do ingresso pode variar entre R\$ 10,00 a R\$ 30,00. Porém, no fim do ano de 2017, observei que o bar Casarão adotou uma determinada prática com o intuito de atrair mais público: a partir da chegada de cinquenta pessoas no local, as mesmas não pagam. Porém, muitos frequentadores de tais estabelecimentos se queixam com os valores elevados das bebidas e comidas dos bares.

Já nos bares underground, as bandas são pagas por meio do *couvert* que consiste em uma taxa que é cobrada do consumidor na qual substitui o ingresso. Dessa forma, essas casas dependem da lotação do público pois, quanto maior for, mais o bar arrecada dinheiro do consumo dos seus produtos, bem como aumenta o cachê dos artistas.

Acompanhando os shows e eventos dos roqueiros numa perspectiva de perto e de dentro (MAGNANI, 2002) é importante abordar o âmbito desses espaços como um conjunto de sociabilidades e rituais performáticos que demarcam fronteiras simbólicas e signos de pertença social.

Corroboro com a visão de Medeiros (2008) quando ela diz que os rituais são uma expressão do social servindo como ponte entre o indivíduo e o coletivo, afirmando-se, assim, a posição que se ocupa no grupo social como também reavivando crenças. Nesse sentido, Durkheim (2000) em um estudo clássico sobre a religião intitulado “*As formas elementares da vida religiosa*” lembra a questão dos rituais e a operacionalização dos ritos por meio da religiosidade. Porém esta discussão se difunde para além do campo religioso:

Toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso (DURKHEIM, 2000, p.457).

Dessa forma, percebe-se que os ritos são maneiras do grupo social se reafirmar socialmente, por meio de atos simbólicos e repetitivos que fazem sentido apenas aos indivíduos que os praticam. Nesse sentido, é importante lembrar ao leitor que para um leigo, tais práticas ritualísticas não fazem sentido, porque estão “de fora” dessas performances.

Os grupos metaleiros são relevantes *locus* para a observação desses processos rituais. A primeira etapa desse processo inicia quando os sujeitos saem de suas casas ou praças em direção aos eventos, muitos compram ingressos no local das apresentações ou já os portam. Trajados com roupas e acessórios que remetem ao universo metaleiro, na maioria das vezes, se locomovem em grupo. Ao chegar ao local do show, buscam interagir com seus amigos na área externa do evento, quando percebem que os portões estão abertos ou quando surge um apresentador para anunciar as atrações noturnas, adentram no local e compõe as pistas do espaço. Quando os mesmos entram no local do show, saem da rotina diária para, após a realização ritualística do show, poderem retornar a ela. Isso lembra o que Victor Turner (1974) denomina, ao analisar rituais com a ideia de liminaridade e liminoide, de transportação, em que os atores sociais vivem experiências que os transportam para outros ambientes simbólicos e subjetivos de representação social. DaMatta (1997) expõe que os rituais seriam instrumentos que conferem clareza às mensagens sociais.

Dessa maneira, as significações que os rituais em shows de rock passam, bem como a repetição, são elementos incorporados e vivificados constantemente nesses grupos. A expressão social presente nesses rituais me leva a relacioná-los com seus conteúdos simbólicos e subjetivos que são vivenciados no cotidiano desses atores sociais, sobretudo com suas performances ritualísticas, pois o público grita, promove a roda de pogo, “bate cabeça”, exhibe sinais de chifre, etc. Ou seja, aquilo que Durkheim (2000) denomina de efervescência social.

Vale ressaltar, que a presença dos ritos mostram-se mais perceptíveis entre os metaleiros do que entre os grupos alternativos. As relações entre os signos religiosos, mesmo em um sentido de ressignificá-los, permeia o imaginário social metaleiro e se expressa nos nomes das bandas, nas letras das canções, nas danças do metal, e na comunicação dos artistas com o público.

Tom Leão (1997) compara a dança *mosh* a um estado de transe que se instala nos indivíduos por meio da audição consciente da música rock. Por outro lado, Lopes (2006) lembra que os signos metaleiros são reinventados constantemente pelos indivíduos, principalmente pelo caráter de dessacralização dos mesmos. A comunicação entre a plateia e os artistas é um dos momentos principais do processo ritualístico, na medida em que ocorre a exibição de signos religiosos como cruzes invertidas, cornutos, e estado de mosh tanto por parte do público, como algumas vezes entre as bandas. Isso se percebe quando os integrantes dos grupos “mergulham” no palco.

No pensamento de DaMatta (1997) os rituais são vistos como formas de inserção do indivíduo no coletivo e também como elementos constituidores da identidade social dos grupos humanos em sociedade. O autor discorre que os brasileiros apreendem as festas como momentos de ruptura da rotina diária dos indivíduos.

Por conseguinte, esses eventos também são percebidos e apreendidos entre os roqueiros do Cariri cearense como rupturas do cotidiano e também como maneiras de se arraigar ao imaginário dos seus grupos de pertença. Sendo assim, os roqueiros constroem eventos demarcados com ampla ritualização. Gestos, linguagens, apelos visuais, discursos, entre outros, são formas que integram e consolidam os estilos de vida destes jovens roqueiros cearenses.

Referências

- BECKER, Howard. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BITTENCOURT, João Batista de Menezes. **Sóbrios, firmes e convictos**: uma etnografada dos straightedges em São Paulo. São Paulo: Annablume, 2015.
- BOURDIEU, Pierre. **Gostos de classe e estilos de vida**. In: ORTIZ, Renato (org.). São Paulo, Ática, 1983.
- CROSS, Charles R. **Mais pesado que o céu**: uma biografia de Kurt Cobain. Globo Editora, 1992.
- DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll**: uma história social. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- LEÃO, Tom. **Heavy Metal**: Guitarras em fúria. Editora 34, 1997.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

LOPES, Pedro Alvim. **Heavy metal no Rio de Janeiro e a dessacralização de símbolos religiosos**: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz. Tese de doutorado em Antropologia Social- Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

LIMA FILHO, Irapuan Peixoto. “**Em tudo o que eu faço eu procuro ser muito rock androll**”: Rock, estilo de vida e rebeldia em Fortaleza. Universidade Federal do Ceará, 2013, 327p. Tese (Doutorado em Sociologia), programa de pós-graduação em Sociologia.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. V. 17, nº 49, junho de 2002. P. 11-29.

MEDEIROS, Abda de Souza. **Cosmologias do rock em Fortaleza**. Universidade Federal do Ceará, 2008, 124p. Tese (Mestrado em Sociologia), programa de pós-graduação em Sociologia.

SIMMEL, Georg. A sociabilidade: Exemplo de sociologia pura ou formal. In: __. **Questões fundamentais de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

TURNER, Victor. **O processo ritual**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.